



O grande relógio: a que hora o mundo recomeça, de Silviano Santiago

Rodrigo Felipe Veloso

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>

E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br

A escrita de Silviano Santiago em *O grande relógio: a que hora o mundo recomeça* revela um autor em plena maturidade criativa, em que reflexão, provocação, ponderação e experimentação literária se entrelaçam de maneira singular, cujo propósito é o de (re)pensar a literatura e a cultura brasileiras, bem como a imagem de Machado de Assis, no tempo presente, se manifesta e nos representa na tentativa de se pensar no Brasil atual. Este primeiro caderno (total de três a serem lançados) de um projeto mais amplo é uma incursão por tempos diversos — históricos, pessoais e culturais — que se sobrepõem na narrativa ensaística como engrenagens de um grande relógio metafórico.

O foco apontado por Santiago em *O grande relógio* versa sobre as boas e más intenções civilizatórias do Ocidente, da Europa, que passou por um período longo de colonização do Novo Mundo. O método utilizado pelo crítico trata-se, de fato, de colocar o dedo nas feridas do Ocidente, uma vez que deseja desconstruir o eurocentrismo ainda dominante no pensamento dos latino-americanos, visando grafar entre aspas (segundo Jacques Derrida) a “noção eurocêntrica de valor universal”. Para isso, Santiago intenta uma análise de uma “literatura nacional metropolitana”, de uma literatura francesa moderna, que se tem o exemplo à obra de Marcel Proust, numa interpretação contrastiva, confrontativa com uma literatura nacional de colônia “recém-emancipada” das Américas e de descendência diaspórica africana, que se tem o exemplo à obra de Machado de Assis.

Durante o percurso analítico e crítico que faz das obras dos autores Proust e Machado, Santiago pactua em seu texto uma articulação e diálogo com o leitor o direcionando de maneira cautelosa (e ou movediçamente des-constructiva) utilizada por meio de metáforas (ambiente festivo e desconstrutor do *saloon* e ou banguê-banguê das ruas, exemplo de filmes de faroeste) e jogos comparativos que instaura uma tendência criativa e digressiva notadamente produzida a priori pelos escritores canônicos estudados.



Controladas por dobradiças laterais, as folhas da porta sempre se abrem (ou se fecham) ao centro a fim de incentivar as comparações ou pô-las em dúvida. O diálogo do nosso leitor será encaminhado menos em direção às duas geniais e mais em direção às palavras do ensaio, movimentadas que serão pela porta de duas folhas obedientes a dobradiças à direita e à esquerda. [...] Se o leitor acompanhar o movimento simultâneo ou sucessivo das duas folhas, ele terá liberado o acesso aos dois universos literários, o de Machado e o de Proust, bem como terá recebido o convite para *abandonar* de maneira consequente as obras em pauta, para destiná-las a fins ignorados por este ensaísta (Santiago, 2024, p. 10-11, grifo do autor).

O autor faz uma ressalva diante desse processo autor-texto-leitor em que menciona que “o leitor decide o *ambiente* em que lhe agrada permanecer [...]”. Pode manifestar preferência pelo ar livre dramático dos romances, a incentivar a leitura *canônica tradicional*, ou pelo local fechado da crítica, a propor *descentramentos* [...]” (Santiago, 2024, p. 11, grifo do autor). Esses deslocamentos necessariamente se fazem interpretativos e de extratos mais profundos e, sobretudo, essa leitura comparativa tem uma finalidade teórica mais abrangente e certamente questionável, bem como o movimento de acesso a esse espaço de fragmentos analisados se entremeia numa relação e jogo do perde e ganha da desconstrução, refletido numa leitura do sujeito como presença engendrada não só pelo sentido, mas também pela diferença inscrita em seu corpo como escrita.

Proust revela uma postura insaciável do leitor diante do livro, uma vez que se deseja “tanto que o livro continuasse, e, se fosse impossível, obter outras informações sobre todos os personagens, saber agora alguma coisa de suas vidas, [...] e de cujo objeto de repente sentíamos falta [...]” (Proust, 2003, p. 24). Tal lacuna sinaliza uma mistura que envolve ficção e realidade, relação íntima e extensiva com a vida ordinária cujo valor inestimável é o retrato de uma sociedade que abriga a “verdadeira” história, contém o universo e o destino e, além disso, com a força ativa do leitor, amanhã, essa sintonia não se torne apenas uma página esquecida de um livro, pelo contrário, consubstancie um recomeço do mundo, da vida marcada, ritualizada pelo grande relógio, é tempo de novas descobertas e perscrutações.

Nesse contexto, Maurice Blanchot descreve em *O espaço literário*: “O que é um livro que não se lê? Algo que ainda não está escrito. Ler seria, pois, não escrever de novo o livro, mas fazer com que o livro se escreva ou seja escrito” (Blanchot, 1987, p. 193). Para tanto, Silviano Santiago ao publicar *Machado* toma de empréstimo a vida e obra do escritor Machado de Assis para produzir sua narrativa e um fragmento no capítulo nove “Manassés e Efraim” do romance chama atenção: “A boa leitura da obra de arte não é a do autor, mas a que o leitor faz da obra alheia, em diálogo crítico com ela” (Santiago, 2016, p. 363).

Esse conceito ecoa também no livro *O grande relógio*, pois Santiago, influenciado pela leitura e admiração pelos formalistas russos, em especial, cita Viktor Chklóvski: “o processo da arte é o processo de singularização [*ostranenie*] dos objetos [...]. O ato de percepção em arte é um fim em si e deve ser prolongado; a arte é um meio de sentir o devir do objeto, aquilo que já se ‘tornou’ [já é tradição] não interessa à arte” (Chklóvski, 1978, p. 45 *apud* Santiago, 2024, p. 17-18, grifo do autor). Com efeito, nota-se a ideia de amplificar a duração da percepção da arte sendo o processo necessário para dar ao objeto uma sensação de visão e transformação cujo sentido atribuído é de valor estético universal.

Vale apontar brevemente o contexto histórico de transição do período colonial para a república no Brasil, ou seja, é singular a emancipação da colônia portuguesa, bem como tal ação foi decidida por D. João VI e Pedro I, oriundos da Família Imperial de Bragança. Isso porque na consolidação ao que se previa com relação à autonomia da colônia e a implantação do Estado nacional independente optando pelo regime monárquico-escravocrata, o ato que se vale do grito às margens do Ipiranga justifica-se na tratativa de colocar para “correr” o fantasma republicano que estava se ascendendo pelo grupo dos homens brancos livres. Devido à influência de ordem estrangeira no que tange a instalação da República, por exemplo, nos Estados Unidos, tal realidade se impunha e entusiasmava os estudantes brasileiros na Europa e, portanto, antevendo a independência, o pai D. João VI previne o filho Pedro enunciando: “tome a coroa, antes que algum aventureiro lance mão dela”.

Como efeito desse período colonial, as outras forças de resistência cultural como a indígena e a dos povos africanos escravizados foram desconsideradas e “acachapadas”, fato que ocorre até a realidade atual. Essa situação abarca como uma linha de demarcação entre o que é obscuro e impenetrável, instalado no mesmo plano paradoxal de esquecer/lembrar e no momento oportuno como lembra Santiago “de *sentir como um poderoso instinto* quando é necessário ver as coisas sob o ângulo histórico e quando não” (Santiago, 2024, p. 25, grifos do autor).

A posição de Machado é a de não se interessar pelo arrebatamento emancipatório da colônia portuguesa, segundo Santiago. Ele analisa a situação de maneira prudente, julgando-o apresentado às instabilidades aristocráticas no geral e sentimentais no privado. Em meio ao embate do poder gerado pelas três forças de resistência do período colonial, a aristocracia lusitana granjeia e se fecha no poder nacional o colono de descendência europeia, o que, por sua vez, acaba por paralisar efetivamente a energia das outras duas forças de resistência.

Essa nova configuração se mostra clarividente para Machado em sua composição e arte literária de escrever e publicar livros, visto que mediante reflexão subjetiva e popular acendam, mesmo que lentamente, uma modificação de valores. Metamorfosear o que é “instinto de nacionalidade” em “consciência da soberania” é uma postura que sinaliza a hora futura em que o Brasil democrático recomeça, especialmente pensando não mais com relação àquilo que se apresenta como de “segunda mão”, mas sim do instante em que há a abertura para as múltiplas forças civilizatórias e universais.

Diante disso, Machado experiencia no capítulo 49, intitulado “A ponta do nariz”, do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma maneira individual e ocidental do brasileiro de pensar similarmente ao hábito de pensar muçulmano. O exemplo do faquir é acionado, uma vez que se trata de um asceta sábio, que busca compreender as leis da natureza e como seu corpo funciona, ou melhor, ele procura atingir a perfeição espiritual a partir do controle sobre os sentidos. Essa etapa surge como metáfora do “grande relógio”, porque as horas gastas pelo eremita em seu ritual de meditação/aprendizagem, ou seja, na tentativa de “ver a luz celeste” por meio do olhar a ponta do nariz revela uma necessidade e poder de contemplação, cujo efeito é “a subordinação do universo a um nariz somente, constitui o equilíbrio das sociedades. Se os narizes se contemplassem exclusivamente uns aos outros, o gênero humano não chegaria a durar dois séculos: extinguia-se com as primeiras tribos” (Assis, 1994b, p. 57).

A experimentação e autoconhecimento ganham importância, o sentimento externo perde valor, “embeleza-se no invisível, aprende o impalpável, desvincula-se da terra, dissolve-se, ete-riza-se. Essa sublimação do ser pela ponta do nariz é o fenômeno mais excelso do espírito, e a faculdade de a obter não pertence ao faquir somente: é universal” (Assis, 1994b, p. 57). Essa tarefa do faquir que se submete a ações extremamente perigosas como andar sobre brasas, deitar-se em camas de prego, atravessar o corpo com longas agulhas suscita pensar no Brasil e suas vicissitudes, ambivalências rotineiras e refletidas entre a dor e a felicidade, assim como faz um faquir. Isso acontece e reforça o paradoxo do faquir muçulmano, haja vista que a dor latente é uma felicidade. Em outras palavras, Silvano menciona que

O cidadão brasileiro não deve só consultar o relógio de pulso, afinado sempre com a hora de Greenwich. Que consulte principalmente o grande relógio de Nietzsche: a serenidade, a boa consciência, a atividade alegre, a confiança no futuro surge quando a atividade intelectual se torna intempestiva, ou seja, no momento e no lugar em que é transgredida a fronteira que demarca “o que é claro e bem visível e o que é obscuro e impenetrável” (Santiago, 2024).

Santiago organiza e prepara por meio de seu texto o frutífero caminho percorrido na criação do romance brasileiro. Além disso, ele propõe estratégias e desvios que espantam a concretude de obras canônicas da literatura planetária de maneira produtiva e contundente.

Nesse percurso analítico e crítico, Santiago repensa e suplementa a experiência sábia adquirida nos trópicos pela literatura brasileira e, além do mais, toma emprestado em seu confronto dos fragmentos interpretativos a ideia de suplemento apresentada por Jacques Derrida (1999), que paira na constituição do elemento a partir do qual se concentra os embates insolúveis do pensamento, nas aporias e, nesse caso, do gênero literário romance, a escrita é um suplemento na proporção em que congrega em si as funções de substituta da presença e do acréscimo fecundo, produtivo, isto é, de um lado, a gênese do mal e, do outro, a esperança da humanidade.

Nesse contexto, ao examinar os romances *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Em busca do tempo perdido* — mais precisamente de sua parte autônoma desse sete volumes que o compõe, como é o caso de *Um amor de Swann* —, de Marcel Proust, Santiago reitera que a arte é intempestiva, porque a sua verdadeira salvação e vida centra-se nessa destinação cultural. Na escrita do romance *Dom Casmurro*, Machado toma uma decisão fundamental diante da definição do narrador. Isso acontece porque ele rejeita a caracterização de narrador tendo intensos traços de inspiração de narrativas oriundas da natureza urbana e desenvolvidas em terceira pessoa, registro cronológico ordenado e de base científica. O escritor intentava partir do aspecto nevrálgico da realidade social, quer dizer, ele teria de ter sido testemunha da vida em sua plenitude e ritualidades vivenciadas em comunidades populares cariocas.

Machado elege como narrador/protagonista do novo projeto uma figura de destaque da sociedade carioca, o dr. Bento Santiago. É um ex-seminarista e advogado de profissão, nascido no bairro da Lapa e morador da Glória, casado em primeiras núpcias com a vizinha Capitu e pai de um filho Seu grande amigo e conselheiro nas reminiscências [...] um agregado da família, o espertalhão José Dias, chegado às lapalissadas e aos superlativos (Santiago, 2024, p. 28).

Vale notar que, no romance machadiano, as histórias dos subúrbios cariocas se iniciam pela “inadequação” ao eurocentrismo, porque o Rio de Janeiro era a capital federal do Estado nacional, sob a hegemonia da família Bragança, contudo, tal processo se mostra ao leitor da mesma forma que é gerida por um dom Casmurro. “Naquela casa no subúrbio, uma cópia de casa da Lapa, mora o advogado Bento Santiago. Na casa do perímetro urbano, em chalé alugado à condessa de S. Mamede, vive o escritor Machado de Assis” (Santiago, 2024, p. 30).

Dentro dessa perspectiva, *Dom Casmurro* e Machado de Assis vivem numa rotina cansativa de uma “alta sociedade” que só se restringe como alta nos subúrbios, não dos brasileiros, mas sim dos lusitanos que se localizam mais ao sul da Europa, “subúrbios’ aos quais os franceses emprestam nomes bem realistas como DOM (*Domaines d’outre mer*) e TOM (*Territoires d’outre mer*). Bento Santiago é adequadamente Dom num dom. A alta sociedade a que pertence só é alta no Engenho Novo” (Santiago, 2024, p. 31, grifos do autor).

No caso do romance proustiano (*Um amor de Swann*), conforme propõe Santiago, “estar do lado de fora das reminiscências de Marcel, ou seja, ser externo ao Eu que as narra, Antoine Compagnon pode caracterizá-lo como alter ego do narrador/ protagonista da *Recherche*” (Santiago, 2024, p. 48, grifo do autor). Além disso, ainda neste romance, o autor transgride não somente o demorado e opressivo critério do *récit* francês, quer dizer, o romance escrito em primeira pessoa, bem como o contrato firmado pelo narrador.

Em *Proust e os signos*, Gilles Deleuze descreve que o essencial do romance *Em busca do tempo perdido* (*Recherche*, a busca) não está na *madeleine* nem no calçamento. “[...] a busca, não é simplesmente um esforço de recordação, uma exploração da memória: a palavra deve ser tomada em sentido preciso, como na expressão “busca da verdade” (Deleuze, 2003, p. 2). Não se trata somente de um resgate do tempo passado, mas sim do tempo que se perde. O signo sistematiza, nesse processo, um tempo redescoberto, pois se torna matéria desse ou de outro mundo em específico, se organizam em círculos e dialogam em determinados pontos. A busca é direcionada para o futuro e não para o passado.

Em outra circunstância, a narrativa proustiana em questão foi rejeitada em seu primeiro tomo pela editora Gallimard e só foi aceita para publicação pela editora Grasset. Isso aconteceu porque o manuscrito de Proust não seguia o aspecto formal da tradição do *récit*, pelo “buraco” espaço-temporal latente assumido pelo personagem-protagonista Charles Swann nas reminiscências em primeira pessoa de Marcel Proust, o que reforça a vontade alcançada pelo escritor a partir da experiência de vida ressignificada na própria narrativa, particularmente na personagem central, pois inclui, nesse sentido, a “soma” de realizações, sensações e sentimentos, a fim de chegar a algo de si mesmo, matéria singular da arte.

Em linhas gerais, Machado de Assis e Marcel Proust são consagrados como escritores geniais, especialmente pela coragem de escrever literatura, criar um dos instrumentos mais inovadores da cópia, que é o pastiche, haja vista que a imitação e a emulação são etapas necessárias em decorrência da criação literária e se localizam no “estaleiro” da grande obra literária que surge desde o Renascimento. Com isso, “a imitação ganha novo nome de batismo, ‘pastiche’, no momento em que o autor ganha, como assinala Michel Foucault, foros de independência cidadã, vale dizer, passa a ter presença social, econômica e jurídica” (Santiago, 2024, p. 41).

Sendo assim, não caberia nesta resenha descrever toda a grandeza e maturidade crítico-analítica de Silviano Santiago. Fica o convite aos interessados e aos estudiosos para adentrarem aos escritos provocativos, reflexivos e inovadores que ele trata em sua nova e profícua atividade em elaboração, mas que se concentram forças em ser paradoxal, assim como a vida, assim como a arte, portanto é “própria e imprópria, sua experiência de vida é singular e é plural, é nacional e é eurocêntrica, e ainda é desconstrutora do centrimento lusitano e é planetária” (Santiago, 2024, p. 32). Nesse momento, uma demarcação do tempo sinaliza a hora de recomeçar d’*O grande relógio* que “badala”: “se viver é perigoso, desconstruir é ainda mais perigoso” (Santiago, 2024, p. 15).

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Obra Completa**: Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994a.
- ASSIS, Machado de. **Obra Completa**: Memórias Póstumas Brás Cubas. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994b.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CHKLÓVSKI, Viktor. A arte como procedimento. In: CHKLÓVSKI, Viktor *et al.* **Teoria da literatura**: Formalistas russos. Trad. de Ana Mariza Ribeiro *et al.* Porto Alegre: Globo, 1978.
- COMPAGNON, Antoine. **Proust entre deux siècles**. Paris: Seuil, 1989.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2. ed. Tradução de Miriam Chnaiderman *et al.* São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**: No caminho de Swann. Tradução de Mario Quintana. São Paulo: Victor Civita, 1979.
- PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**: Marcel Proust. Tradução de Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. **Machado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SANTIAGO, Silviano. **O grande relógio**: a que hora o mundo recomeça - Caderno em andamento 1. São Paulo: Editora Nós, 2024.
- Silviano Santiago. **Silviano**: Em busca do tempo perdido de Machado. **Jornal Outras Palavras**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/silviano-em-busca-do-tempo-perdido-de-machado/>. Acesso em 01 jan. 2025.